

HISTÓRIA DO FUTEBOL EM MINAS GERAIS¹

Cleber Dias²

Georgino Jorge de Souza Neto³

Igor Maciel da Silva⁴

Sarah Soutto Mayor⁵

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento histórico de futebol em três distintas regiões de Minas Gerais: Belo Horizonte, Montes Claros e o Triângulo Mineiro. Para isso, o estudo baseou-se na revisão de alguns dos principais trabalhos historiográficos já realizados sobre o assunto, além de pesquisas em fontes primárias de diferentes arquivos mineiros. Assim, articulamos interpretações sobre a realidade histórica de diferentes regiões de Minas Gerais ainda pouco estudadas pela historiografia do esporte.

Palavras-chave: História do esporte. História regional do Brasil. Esportes. Minas Gerais.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the history of football in three different regions at Minas Gerais: Belo Horizonte, Montes Claros and Triângulo Mineiro. The article used a review of the main works about this issue and researches in primary sources in archives from Minas Gerais. Thus, we articulate interpretations about the historical reality of different regions few studied yet.

Keywords: Sport History. Regional History. Sports. Minas Gerais.

Fundamentos teóricos dos estudos históricos sobre o esporte geralmente associam o florescimento de práticas esportivas a um quadro geral de modernização, destacando, especialmente, a urbanização e a industrialização como principais índices desse processo (DIAS; MELO, 2009; LUCENA, 2001; MELO, 2001; VAMPLEW, 1988). Todavia, o caso brasileiro apresenta algumas situações em que o desenvolvimento histórico dos esportes se deu em circunstâncias bastante diversas, em contextos pouco ou nada urbanizados, inteiramente rurais às vezes, ausentes de quaisquer vestígios de industrialização ou urbanização, mas mesmo assim tomados pelo entusiasmo com os esportes (DIAS, 2013).

1 Este estudo contou com apoio financeiro da Fapemig e da Capes.

2 Professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: cleberdiasufmg@gmail.com

3 Professor da Universidade Estadual de Montes Claros e Doutorando em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: netogeorgino@gmail.com

4 Discente do curso de graduação em Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais –Unidade Ibirité. Contato: deigorparalaboratorios@gmail.com

5 Doutoranda em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: sarahtsouttomayor@hotmail.com

No Brasil, trabalhos como os de Carlos Fernando Cunha Junior, Luciano Pereira da Silva, Janice Mazo, Luiz Carlos Rigo, Priscila Soares, entre alguns poucos outros, têm apresentado interessantes resultados sobre pesquisas históricas a respeito do esporte em cidades do interior (CUNHA JUNIOR, 2011a; CUNHA JUNIOR, 2011b; KILPP; ASSMANN; MAZO, 2012; LIMA, 2009; SILVA, 2013; SOARES, 2011; SOARES; MORORO, 2011). Mesmo assim, articulações interpretativas mais gerais a respeito desses casos esbarram ainda no limitado número de trabalhos sobre tais situações, pois a historiografia brasileira sobre esportes não tem privilegiado o estudo da disseminação dessas práticas fora dos grandes centros metropolitanos. De acordo com avaliação de Cesar Torres (2009), que realizou um balanço da historiografia sul-americana sobre esportes, o futebol, os grupos de elite ou as regiões metropolitanas têm recebido “ampla atenção acadêmica”, enquanto outras modalidades, o envolvimento de grupos étnicos minoritários, bem como amplas e importantes regiões geográficas têm sido marginalmente estudadas ou às vezes até mesmo totalmente negligenciadas.

Além dessas questões propriamente teóricas, dificuldades para localizar e acessar vestígios do passado esportivo de regiões fora das maiores cidades do País também concorrem para a situação. Em verdade, são particularmente graves os obstáculos desse tipo. Se a manutenção de arquivos brasileiros importantes é precaríssima, pode-se deduzir a natureza de dificuldades colocadas para o estudo histórico de cidades fora das capitais ou das principais regiões metropolitanas, o que pode ser ainda pior em se tratando da história do esporte – muitas vezes menosprezada como instância legítima de memória social.

Tudo isso, no fim, afeta diretamente a capacidade de cada grupo, cidade ou região para preservar e divulgar sua própria memória esportiva, o que tem implicações para além do campo esportivo, inclusive. Pois, conforme já destacaram inúmeros teóricos sociais contemporâneos, as formas de dominação, hierarquização e estratificação social dizem respeito também a mecanismos simbólicos (WILLIAMS, 1992; BOURDIEU, 2007). Também a memória, nesse sentido, é o resultado de uma luta política entre diversos grupos pela imposição dos modos mais legítimos de se recordar do passado (LOWENTHAL, 1985; MUNSLOW, 2009). Assim, o fato de certos acontecimentos serem mais lembrados ou terem mais visibilidade que outros não é resultado de uma possível capacidade inata aos próprios fatos, mas sim consequência e complexas operações políticas e sociais, que pouco a pouco vão afirmando a capacidade de certos grupos ou regiões, em detrimento da suposta “incapacidade” de outros.

Desde a década de 1960, com o advento da chamada “história vista de baixo”, a historiografia tem se ocupado de chamar atenção para os inúmeros pontos de vista possíveis para as narrativas históricas (SHARPE, 1992). Mais recentemente, com as teorias pós-coloniais e os *subaltern studies*, parte do princípio dessas reflexões vêm sendo aplicada não apenas às cisões de classe, mas também àquelas ligadas à etnia, ao gênero e até à nacionalidade. A memória cultural, nesse sentido, é tida como o resultado de uma luta política entre diversos grupos pela imposição de padrões de comportamento que serão, então, tomados como os modos mais legítimos de se recordar do passado. Nesse contexto, a reconstituição histórica da memória de grupos, setores ou regiões em condições de subalternidade é mais um elemento dessa rede de relação entre história, memória e poder.

Nesse sentido, uma reavaliação crítica do modo de operação conceitual do par dicotômico nação-região está entre algumas das tarefas potencialmente mais importantes para uma renovação na historiografia brasileira dos esportes. Dentre os temas tradicionalmente abordados, a relação entre o desenvolvimento histórico do esporte e o nacionalismo tem sido seguramente um dos mais recorrentes. A participação do esporte na edificação, difusão e consolidação de “identidades nacionais” conta com uma vasta literatura (ver GOKSOYR, 2009). No Brasil, especificamente, trabalhos orientados por perspectivas sociológicas, antropológicas, mas também históricas, têm também reforçado os vínculos sociais e teóricos entre esporte e nacionalismo. Citem-se, nesse sentido, trabalhos como os de Edson Gastaldo e Simone Guedes (2006), Maurício Drumond (2008) e Fabio Franzini (2003).

Uma das principais críticas possíveis a essas abordagens, tanto nacional quanto internacionalmente, é o enquadramento de uma concepção não problemática de nação e nacionalismo, pois o relativo sucesso na construção dessa “comunidade imaginada” não apagou as tensões e complexidades da relação entre o local e o nacional. Como bem anotou Norberto Luiz Guarinelo (2003), referindo-se a esse processo no Brasil, “o corpo da nação não é homogêneo” (p. 699).

Narrativas históricas nacionais são o resultado de um conjunto mais ou menos arbitrário de reduções e generalizações, em que práticas e imaginários de determinados grupos específicos, de regiões específicas, apresentar-se-ão como representações válidas para toda a nação. Segundo Ianni (1992, p. 148),

Apenas na aparência a cultura vigente na sociedade brasileira é “uma” cultura. O que parece ser “uma cultura brasileira” é um complexo de modos de viver e trabalhar, sentir e agir, pensar e falar que não se organizam em algo único, homogêneo, integrado, transparente [...] Há produções culturais que surgem desde logo como nacionais, ou transformam-se em nacionais. Independente de estarem vinculadas à cultura dominante ou subalterna, são incorporadas por muitos, a grande maioria ou mesmo todos [...] Em muitos casos, no entanto, as produções culturais tendem a expressar a visão do mundo de determinados grupos ou classes.

A reprodução de uma lógica de relação centro-periferia entre a “nação” e as “regiões” atualiza distinções binárias que estabelecem hierarquias, segundo as quais cabe àquela parte que se autorrepresenta como “centro” ou “nação” definir o sentido do que será representado como “periferia” ou “região”. No Brasil, ao centro litorâneo, “nacional”, cabe, portanto, o papel de civilizado, desenvolvido e, no limite, superior. À periferia sertaneja, “regional”, ao contrário, cabe o papel de selvagem, primitivo, atrasado e, no limite, inferior. Reservadas as devidas proporções, trata-se de uma estrutura discursiva análoga àquela em que se opõe Ocidente e Oriente, Primeiro e Terceiro Mundo, enfim, a Europa e o Resto, só que reduzidos às fronteiras nacionais (cf. COSTA, 2006; MCLENNAN, 2003; SAID, 2007).

Em larga medida, esse tipo de binarismo estará presente também no estudo histórico do esporte. Richard Holt (1992) referiu-se a esse estado de coisas nos estudos como “modelo de modernização simplista e não problemática”. Mais recentemente, Colin Howell e Daryl

Leeworthy (2009) também criticaram teorias modernizadoras sobre o esporte, acusando-as de conceber um processo de difusão em que as práticas esportivas aparecem se irradiando de regiões “mais desenvolvidas” em direção às “menos desenvolvidas”. Os autores chamam esse esquema explicativo de “metropolitanismo” ou “falácia metropolitana”. Por meio de uma análise comparada do baseball na fronteira do Canadá e do futebol no País de Gales, Howell e Leeworthy tentaram destacar o caráter complexo, multidirecional e dialético entre o interior e os centros metropolitanos no processo de desenvolvimento dos esportes, onde regiões de periferia não são apenas unidades passivas e subservientes às influências dos centros. Nas palavras dos autores,

Inadvertidamente, o metropolitanismo permanece no próprio âmago da história moderna. Reminiscência do modelo de modernização, em que comunidades locais e regionais e suas práticas (incluindo esportes) são absorvidas em práticas cívicas e no sistema nacional mais altamente organizado, o metropolitanismo foi uma ideologia conectada a imaginação e legitimação dos Estados nacionais. Muitos historiadores do esporte têm compartilhado esta preocupação com a modernização, assumindo que foram nos centros metropolitanos que as culturas esportivas foram forjadas e difundidas, resultando em identidades nacionais. (HOWEEL e LEEWORTHY, 2009, p. 71)

Tudo isso concorre e se alinha com a revisão historiográfica atualmente em curso, que tem questionado a imagem da vida social em situações periféricas como um “deserto cultural”. Em vez da implícita ideia de subserviência e passividade dos atores sociais dessas regiões, tem-se destacado a dimensão constitutiva e não meramente aditiva das periferias com relação aos centros.

No âmbito da historiografia do esporte de outros países, nota-se já o potencial heurístico que transformações nesse sentido podem imprimir ao desenvolvimento de estudos nessa área. Pesquisas como as de Bernardo Guerreiro Jimenez (2006), no Chile, têm questionado a ênfase excessiva sobre os acontecimentos esportivos de Santiago, capital do país, em detrimento de outras regiões. Criticando o que ele chama de “santiaguismo metodológico”, suas pesquisas demonstram de que maneira instituições esportivas do “Norte Grande”, como a Liga Esportiva de Tarapacá, atuaram para a articulação de identidades regionais, contrapondo-se, de certo modo, aos esforços, em curso àquela época, para a articulação de uma identidade nacional homogênea. Na Argentina, pesquisas como as de Julio Fryndenberg (2011) mencionam a importância que clubes do interior do país tiveram para o desenvolvimento esportivo de Buenos Aires. Já em princípios do século XX, era comum que clubes de futebol de cidades como Rosário enviassem seus melhores jogadores para equipes da capital, evidenciando a existência de um complexo institucional esportivo em regiões do interior do país. De forma até mais emblemática, Juan Pablo Ferreiro, Sofia Brailovsky e Elisa Blanco (2000) demonstraram a relativa precocidade com que práticas esportivas se desenvolveram por toda a região setentrional da Argentina: Tucumán, Jujuy, Salta, Perico, Córdoba, Rosário e Santiago del Estero (para o caso específico de Jujuy, ver também FERNÁNDEZ, 2013).

Mesmo em países com forte tradição republicana centralista, como a França, a

historiografia do esporte notou grande renovação teórica com o início do desenvolvimento de monografias dedicadas ao estudo de regiões específicas (ver TERRET, 2011). Julien Sorez (2012), por exemplo, analisando as causas das disputas políticas pelo controle institucional dos esportes na França após 1910, apontou para divergências entre líderes das províncias do interior e os da capital, Paris, como um dos principais móveis das transformações do cenário esportivo francês daquela época, destacando cisões entre o nacionalismo e o regionalismo também naquele contexto. Em suas palavras, “historiadores franceses tem dado prioridade ao papel de Paris como capital de um Estado altamente centralizado, tendendo, assim, a fazer da história local da cidade uma ‘historiografia não pensada’”.

Nesse contexto teórico geral, o objetivo deste estudo é analisar o desenvolvimento histórico do futebol em três distintas regiões de Minas Gerais: Triângulo Mineiro; Montes Claros, no Norte do Estado; e Belo Horizonte, sua capital. Para isso, o artigo baseou-se na revisão sistemática de alguns dos principais trabalhos historiográficos já realizados sobre o assunto, ao mesmo tempo em que apresenta também resultados de pesquisas em fontes de primeira mão em diferentes arquivos de Minas Gerais. A ideia é oferecer uma breve visão panorâmica da história do futebol em Minas Gerais por meio da articulação das três situações que tomaremos aqui para análise.

1. Futebol no Triângulo Mineiro

Na região do Triângulo Mineiro, os padres Maristas estão entre os grupos sociais que primeiro aparecem como responsáveis pelo desenvolvimento dos esportes, em geral, e do futebol, em particular. Por volta de 1903, membros dessa irmandade assumiram a direção do Ginásio Diocesano de Uberaba. Desde o início, práticas esportivas ou ao menos análogas aos esportes já eram desenvolvidas. Com o tempo, segundo Hildebrando Pontes (1972), alunos do Ginásio foram se engajando nesses jogos e por volta de 1905 conseguiram comprar regras e guias sobre o futebol em São Paulo. Ato contínuo, formaram um time, chamado Clube de Futebol. Segundo ainda descrições legadas por Hildebrando Pontes (1972), que registrou os episódios em larga medida na condição de testemunha ocular, os jogos praticados nessa época, apesar do nome e do contato com as regras do *association*, eram ligeiramente diferentes do futebol tal como o conhecemos atualmente, permitindo-se ainda o uso das mãos.

De todo modo, o Ginásio Diocesano ganhou fama e prestígio para além das fronteiras de Uberaba. Segundo memórias de Joaquim Rosa (1974), que fora aluno da instituição, o Ginásio Diocesano era conhecido como “o mais famoso do Brasil Central” (p. 24), atraindo estudantes de outras cidades e até de outros estados. Parte da reputação da escola relacionava-se, justamente, a seu precoce envolvimento com práticas esportivas. Por volta de 1910, propagandas sobre as vantagens da escola já mencionavam, além da “educação esmerada”, da “pensão módica” ou da “situação excepcional para comunicações e viagens”, os “grandes pátios de recreio e vastíssimo campo de esportes para jogos escolares” (GYMNASIO DIOCESANO, 1910, p. 2).

Paralelamente, uberabenses que haviam estudado no interior de São Paulo começavam a voltar para Uberaba nessa época, trazendo consigo mais entusiasmo pelo esporte bretão, com mais noções de regras, técnicas e táticas. Em 1906, parte desse grupo já se cotizou para comprar uma bola de futebol em São Paulo. Eles pretendiam formar um clube de futebol, o que acabou não ocorrendo. Mesmo assim, segundo conclusões de Pontes (1972, p. 38), “o movimento pró-futebol ia se acentuando em Uberaba [...] a população de Uberaba não mais ignorava que existia uma espécie de diversão esportiva denominada futebol”.

Em 1908, uma área atrás do Ginásio Diocesano foi adquirida para a realização de evoluções militares. O local acabou servindo também como campo de esportes, usado para partidas de futebol entre times do colégio. Os jornais uberabenses da época falavam desses jogos como “animados *matches* de futebol no *sport field* do Ginásio”. Em abril de 1909, segundo notícia publicada no jornal *O Paladino*, teria sido “animadíssimo e muito concorrido” o jogo de futebol realizado ali (PONTES, 1972, p. 49).

Em 1910, a Reitoria do Ginásio Diocesano instituiu um campeonato interno. Logo outros clubes de futebol surgiram na cidade, como o Atlético Futebol Clube e o Mogiana Futebol Clube. Fenômeno análogo também começaria a se registrar em outras cidades da região. Em 1911, por ocasião de uma exposição agropecuária realizada em Uberaba, times de Uberaba e de Araguari já se apresentavam para um confronto intermunicipal. O processo teria, então, animado maior entusiasmo pelo novo esporte entre moradores da região.

Nessa época, times multiplicaram-se rapidamente em Uberaba: Tiradentes, Comercial, Floriano Peixoto, Duque de Caxias, Coronel Sampaio, Guarani. Entusiastas de Uberaba já cogitavam a formação de uma liga, planejavam a organização de um campeonato e testemunhavam a fundação de um jornal esportivo (em 1918). Segundo Pontes (1972, p.40),

O fanatismo pelo futebol atingiu a um grau muito elevado. A terminologia técnica torna-se familiar a todos. Ninguém mais diz coice; porque chute é mais elegante e moderno. As palestras com facilidade tombam para o lado do jogo e se alongam por tempo quase indefinido. Os fabricantes de bebidas dão a uma nova marca de sua fabricação o nome de *Licor Futebol*.

Em 1912, partidas seriam realizadas já com “grande concorrência de pessoas”, conforme começariam a registrar alguns jornais (SPORTS, 1912). Em 1916, até mesmo a pequena e pacata Cidade de Frutal, também no Triângulo Mineiro, já conhecia, inclusive, divergências e cisões que levavam à criação do segundo time de futebol da cidade: o Gomes da Silva Football Club (GOMES DA SILVA, 1916, p. 2). Em 1918, no contexto das comemorações do aniversário do Uberaba Sport Club, da cidade de mesmo nome, já se apresentando como o “campeão do Triângulo”, também anunciava partidas contra equipes do interior de São Paulo, mais especificamente contra o Palestra Itália de Ribeirão Preto, que teria “elementos muito conhecidos”, segundo anunciava parte da imprensa local (FOOT-BAAL, 1918, p. 2). Daí em diante, confirmando a consolidação da nova cultura esportiva na região, jogos entre equipes de cidade do Triângulo Mineiro e de outras partes, sobretudo o interior de São Paulo, tornar-se-iam

mais comuns. Regra geral, essas ocasiões pareciam mobilizar grande interesse da população, movimentando aquele mundo esportivo e tornando as cidades do Triângulo Mineiro, conforme registrara um dos jornais da região, “festiva[s] e alegre[s]”. Em 1920, por exemplo, Uberaba Sport Club batera-se contra o Corinthians de Jundiá, em peleja registrada pela imprensa como “renhida”, “colossal” e “assombrosa”. Faltando mais de duas horas para o início da partida, que teria reunido mais de 4 mil almas, “já se vê incessante rodar de veículos, uma romaria a caminho da velha praça de esportes” (ARGUS, 1920). Dois anos depois, em 1922, equipes do Triângulo Mineiro, de Uberaba, em especial, não apenas viajavam para o interior de São Paulo para disputar partidas de futebol, como voltavam vitoriosas. Em partida entre o Uberaba Sport Club e o Paulista Sport Clube, da cidade de Ribeirão Preto, os jogadores de Minas Gerais teriam se mostrado “verdadeiros ‘sportmen’ e mestres do no ‘foot-ball’”. O número “colossal” de espectadores, calculados em mais de 5.000, reuniu pessoas de São Carlos, Campinas, São Paulo, Barretos, Rio Claro, Limeira e Araraquara, que viram duas convincentes vitórias do time de Uberaba (MINAS CONTRA SÃO PAULO, 1922, p. 2).

Em princípios dos anos 20, poesias como as assinadas por Jeca Tatu (1921), pseudônimo de colunista regular do jornal *O Araguay*, da cidade de mesmo nome, denunciavam uma marcante presença do futebol no cotidiano daquela população. Segundo os versos:

Vocês não têm minhas trovas
Hoje aqui neste jornal...
– porque eu só penso nas sovas
Que hão de haver no “footbal” [sic]! (p. 4).

Embora o futebol fosse seguramente o mais popular dos esportes, com penetração social cada vez maior, havia também espaço para algumas outras práticas. Nessa época, isto é, princípios da década de 1920, estabelecimentos comerciais do Triângulo Mineiro como a “Casa Sport”, além dos serviços de mensageiro ou de conserto de câmaras de ar de automóveis, vendia e alugava bicicletas (CASA SPORT, 1920). Na mesma época, membros da elite de Uberaba, cidade mais populosa e economicamente dinâmica da região, discutiam intenções de reabertura do hipódromo da cidade.

De diferentes modos, todas essas iniciativas, ligadas ao futebol ou a outros esportes, articulavam-se com uma espécie de retórica do progresso, que enfatizava a necessidade de se modernizar os costumes, incluindo os costumes de divertimento, pois as práticas de lazer serviam como índices públicos e, portanto, claramente visíveis de modernidade e progresso comportamental. O anúncio da tentativa de reativação do hipódromo de Uberaba é bastante revelador nesse sentido. Notícia publicada no jornal *O Garoto* destacava o caráter “acatado” que esse tipo de diversão tinha na cidade. Segundo o jornal, a falta de diversões em Uberaba seria “uma queixa geral”: “não se tem onde ir aos domingos, dias santos e feriados”. O motivo fundamental da situação estaria na postura dos empresários locais, cuja ganância “terrível” e o desejo de lucro rápido desestimulava investimentos para a construção de oportunidades de diversão. De acordo com essa postura, apontada pelo jornal como responsável por embasbacar

o progresso da cidade, qualquer iniciativa com ganhos inferiores a 200% não seria negócio. “Querem que a salvação do capital seja feita logo no começo do que se iniciar e eis porque, numa cidade onde todo o mundo é capitalista, vive-se como frade no convento, chocando os montões de dinheiro nas *burras* dos gabinetes”. Por fim, arrematando a indignação:

Onde está o rink? Onde está o parque do rio Grande, onde? [...] Pois a ocasião é mais que propícia, ajuntem-se os capitalistas de Uberaba, fundem-se numa associação e reabram o hipódromo com todo o conforto possível ao público, introduzindo, além das corridas de animais, também as de bicicleta, automóveis e, se puder, até de pedestres, que além de ser uma diversão é também um magnífico exercício físico. Façam tudo isto não se esquecendo do *foot-ball* [...]. (O RESSURGIMENTO DO PRADO, 1917, p. 1)

Por causa da sua situação de entreposto comercial obrigatório entre Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro, Uberaba acabava funcionando como ponto de referência simbólico e geográfico para toda a região, a “Princesa do Sertão”, como era conhecida; lugar de intermediação entre a modernidade civilizada do litoral e a ruralidade atrasada do sertão. Não por acaso, no início dos anos 20, quando jovens de algumas cidades de Goiás estavam interessados em praticar o futebol, era até Uberaba que viajavam para comprar bolas, chuteiras e uniformes. (FERREIRA, 1981)

2. Futebol em Montes Claros

Os primeiros movimentos da constituição de um campo esportivo na cidade de Montes Claros, encravada no sertão mineiro, ocorreram entre a primeira e segunda década do século XX, tal como em outras partes do Brasil. Em larga medida, a inovação esportiva representada pelo futebol articulava-se com o contexto político republicano, marcado, entre outras coisas, pelo desejo de instituir comportamentos apropriados ao novo mundo nas cidades que se desenvolviam. Nesse sentido, os esportes apareciam como uma das estratégias possíveis para a realização desse ideal.

Em busca da importância do futebol para o desenvolvimento do município de Montes Claros, recorreremos aos relatos de memorialistas locais e aos periódicos constituídos no período. Perseguimos, em linhas gerais, os vestígios da constituição das práticas e vivências esportivas, associadas ao crescimento urbano no município de Montes Claros. No geral, as práticas esportivas ganharam, no decorrer da história, funções sobrepostas que hoje marcam fortemente o imaginário social. Já foram, e, em muitos aspectos, ainda são, consideradas sinal de desenvolvimento das urbes, de saúde para os trabalhadores, já estiveram ligadas ao discurso higienista, compuseram o discurso sobre o lazer, o turismo, a educação e a disciplina dos corpos.

A chegada do ideário esportivo no seio da sociedade montesclarensense deu-se pelo viés de um modelo emblemático: o futebol. Diferentemente de outras cidades, mais atentas à época para os elementos da modernidade, que mesmo antes do futebol já experimentavam outras práticas esportivas, notadamente o ciclismo, o turfe e o remo, em Montes Claros as primeiras experiências nesse sentido ocorrem mesmo no interior do universo futebolístico.

Em Montes Claros foi clara a tentativa de inserção de uma sensibilidade esportiva para o conjunto da população. A nota do jornal *Montes Claros*, referente ao surgimento daquele que seria o primeiro clube organizado de futebol na cidade, revela a importância que o esporte passaria a ter na sociedade montesclareense, ocupando interstícios outrora inexistentes. Com o sugestivo (e não casual) título de “Vida Social”, seguia-se a matéria:

A sociedade evolue dia a dia; e aos poucos vão aparecendo e vão chegando uns influxos novos de geração também nova e o modo como vae esta trilhando pela senda do progresso. O sport esta hoje em moda e constitue a nota emocional e palpitante das populações metropolitanas. As regatas, as corridas equestres, os matches de foot-ball, o cyclismo e muitos outros aspectos desse genero de diversão, enthusiasmam as massas, empolgam as atenções e fazem a delicia dos seus campeões e protagonistas. E vão se desdobrando, espalhando-se e hoje em muitas cidades brasileiras existe ao menos um club de foot-ball. Montes Claros, apezar de afastada dos centros de irradiação algumas dezenas de legoas, já possui também um club sportivo. E assim que vamos ter no domingo, cinco do corrente, o match inaugural do “Mineiro Foot-Ball-Club”. Ao que nos consta e segundo o programma que vimos esboçado, vae ser uma festa á carioca e que certamente despertará nos assistentes e nos campeões aquelle entusiasmo proprio e aquelles lances empolgantes do momento. Ali, em torno ao campo onde vae se ferir o match inaugural, teremos occasião de ver reunida a elite montesclareense e, excepcional e fazendo-a realçar, as nossas gentis patricias sempre joviaes e promptas a prestarem o seu concurso a reuniões assim. Aguardamos, pois, com anciedade e com interesse o resultado da projectada festa de d’aqui mandamos desde já o nosso brado de applauso e de estímulo aos jovens iniciadores da ideia. Que um verdadeiro successo coroe a festa de domingo!... (VIDA SOCIAL, 1916, p. 3)

Nota-se que a matéria ainda faz menção a certa distinção entre os que se envolvem com esportes e os que não. Enfatiza ainda o aspecto da sociabilidade do esporte, da diversão e, por fim, o associa ao desenvolvimento e à modernização. Pertencer a um distintivo grupo de sujeitos, afeitos e atentos a uma nova forma de viver o cotidiano social, com um novo conjunto de valores e atitudes, em que a exposição pública (via divertimentos ao ar livre), o consumo de bens materiais com alto conteúdo simbólico, como carros, cigarros ou roupas; a vertigem das experiências lúdicas, como o cinema, o esporte, os bares e cafés, acabava se tornando um indicativo singular: a de um sujeito pertencente a outro tempo.

Em Montes Claros, se a onda esportiva ainda demoraria a acontecer, a segunda década do século passado já revela o início de um movimento que futuramente ganharia corpo e intensidade. Nesse sentido, o futebol surge como fio condutor do forjamento de uma sociedade em mutação. Segundo Ribeiro (2007), além da possibilidade de estabelecer um divertimento moderno que ajudaria a movimentar o ritmo de vida local e a proporcionar a ocupação de espaços de convívio público, o futebol contribuiria para a melhor constituição física e moral da população.

Divertimento moderno, convívio público e potencialização de uma população mais forte, física e moralmente, estavam por detrás um projeto maior de condicionamento social, pautado sob a égide dos valores republicanos. Se isso estava presente nesse primeiro movimento de constituição esportiva no sertão mineiro, vinha acompanhado de uma lógica bastante peculiar à região e à cidade: um movimento com clara penetração política, de demarcação de forças governantes que se opunham localmente. Em Montes Claros, a organização do campo esportivo

centrou-se nos grupos políticos que detinham o controle da governança municipal.

Se temos em 1916, com o surgimento do Mineiro Foot-Ball Club, a presença de uma organicidade mais sistemática dessa prática, reconhecemos que em anos anteriores o jogo bretão flertava com a cidade, sendo, no entanto, uma experiência efêmera e pouco organizada, com uma presença menos pontual e mais fragmentária. Os primeiros registros do futebol, captados a partir da escrita de memorialistas, indicam que a modalidade se apresentava como uma estratégia de um grupo religioso (os premonstratenses) para maior penetração e influência na sociedade montesclareense. Hermes de Paula narra com incrível precisão aquela que provavelmente foi uma das primeiras partidas de futebol por essas terras. Segundo ele,

Ainda, como se fora hoje, me recordo da primeira tarde de futebol em Montes Claros. Devia ter sido lá pelo ano de 1905. À falta de local apropriado, jogou-se no largo da Matriz e a idéia fora lançada pelos padres premonstratenses, naquela época aqui chegados. Quero crer que, apesar de anunciada a novidade, ninguém da gente sisuda de então, se arredou de seus confortos para assistir o desenrolar do jogo. O que me lembro bem é do desenlace. Colocada a bola ao largo e ao apito do treinador, a rapaziada neófito e destraquejada daquele tempo entrou furiosamente a desenvolver coices desordenados, à direita e à esquerda, obrigando a bola a bater-se rigidamente nas janelas das casas, quebrando os vidros com estardalhaço e aos protestos dos proprietários. E foi assim que o insipiente time dos rapazes do S. Noberto não passou daquela tarde em que tão fragorosamente as vidraças se quebravam. Relevo ainda lembrar que o jogo era composto de uma só esquadra em que figuravam, se não me falha a memória, Othon Reis, Mendoncinha, Pedro Mendonça, João Vieira, Carlito dos Anjos, Juca Barbosa, Castelar Prates, Antônio Maia, Quincas Souto, Antônio Faria, Juca Braga, Neco Braga, Mário Prates e Augustinho Guimarães. (PAULA, 2007, p. 267)

A efemeridade de práticas e entidades esportivas não era algo incomum para a grande maioria das cidades brasileiras. Os ideais de modernidade, afinal, não se instalavam facilmente, mas sim por meio de muitas resistências e enfrentamentos, naturais de uma transição tão radical de hábitos e valores. Se em 1905 o infeliz episódio do jogo de futebol por parte dos religiosos premonstratenses representava um ato isolado e sem repercussão imediata, anos depois a cidade demonstrava estar mais preparada para receber tal fenômeno.

A inauguração do Mineiro Foot-Ball Club não nos passou despercebida. O fato aparentemente banal constituiu-se em enorme impacto na sociedade da época, estabelecendo importantes relações com uma série de elementos sociais, como política, economia e lazer. Assim, fazia emergir também a inevitável oposição de muitos valores, como tradicional × moderno, individual × coletivo, privado × público. Nesse sentido, é emblemático o discurso produzido para a inauguração do referido clube, pelo orador oficial da festa, o farmacêutico Antonio Ferreira de Oliveira. Reproduzido na íntegra pelo periódico *Jornal de Montes Claros*, que inclusive pertencia ao próprio orador, o texto é revelador de um sujeito que se mostrava extremamente atento às mudanças que se davam em outras plagas, notadamente aquelas mais urbanas e modernas que a cidade sertaneja.

Logo no primeiro momento, o letrado farmacêutico aponta para a nova sociedade que se forjava naquele instante, com valores e percepções diferentes, singulares. Segundo ele,

era fundamental estabelecer “o traço de união entre a sociedade que se inaugura” e aquela que ali estava reunida. Entendia, pois, que uma transição estava em curso e o futebol tomava parte importante no processo.

A chegada do America Foot-Ball Club, no início do ano seguinte (1917), além de demarcar uma cisão política de membros da diretoria do Mineiro F. C., representava também uma espécie de simulacro social fundante da lógica esportiva: a competição. Os embates entre Mineiro e America seriam revestidos de intensa emulação, com uma rivalidade que ultrapassaria as quatro linhas do contexto esportivo. A notícia de mais um clube de futebol na cidade foi assim anunciada pelo jornal Montes Claros:

Mais uma associação do genero sportivo se funda nesta cidade é a que tem o titulo da epigraphé supra. Endereçamos á directoria da novel sociedade nossos sinceros agradecimentos pela commnicação que nos fez e formulamos os nossos melhores votos pelas suas francas e constantes prosperidades. Eis o officio: Illmº. Sr. Tenho a honra de commnunicar a V. Sa. a fundação nesta cidade, do “America Foot-Ball Club”, cuja directoria, empossada hontem, ficou assim composta: Presidente honorário, Cônego Carlos Vincart; presidente effectivo, dr. José Barbosa Netto; vice-presidente, dr. Luiz de Oliveira; 1º secretario, dr. E. Castelar Prates; 2º secretario, Hermenegildo Chaves; Thesoureiro, dr. Giovanni Vecchio. Apresento a V. Sa. meu saudar respeitoso. Illmº Sr. Pharmaceutico A. Ferreira de Oliveira, redactor do “Montes Claros”. Montes Claros, 9 de Fevereiro de 1917. (AMERICA FOOT-BALL CLUB, 1917, p. 2)

A julgar pelos sobrenomes dos jovens integrantes das diretorias das primeiras equipes montesclarenses, o sentido da inserção do esporte bretão na cidade sertaneja não ficava muito distante daqueles percebidos em outros espaços, marcados sobremaneira pelo desejo do desenvolvimento urbano e pelo apego aos valores burgueses. Montes Claros apenas começava a respirar os ares do *ethos* da modernidade, e a chegada do futebol é fato emblemático disto.

3. Futebol em Belo Horizonte

Da história do futebol em todas as cidades e regiões de Minas Gerais, a sua capital, Belo Horizonte, certamente está entre as mais investigadas, embora a constituição histórica do futebol belo-horizontino seja uma preocupação relativamente recente de estudiosos que analisam esse esporte sob a ótica das ciências humanas e sociais. O início dos anos 2000 é o momento em que se concentra a maior parte das pesquisas, que se baseiam, especialmente, nos anos finais do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX. A maior parte delas é resultado de teses e dissertações desenvolvidas nos programas de pós-graduação em História, Estudos do Lazer e Ciências Sociais, concentrados na Universidade Federal de Minas Gerais e na Pontifícia Universidade Católica do mesmo estado.

Em todos esses trabalhos, há uma preocupação comum e recorrente: a identificação do momento em que o futebol chega à capital mineira, mesmo que o período estudado tenha seu início em ocasião posterior a 1904, consenso entre os pesquisadores sobre o provável ano em que Belo Horizonte recebe o *jogo de shoots*, poucos anos depois de sua própria fundação, em

1897. Destaca-se o papel de Victor Serpa – um jovem carioca que regressara da suíça após uma temporada de estudos e que passara a residir em Belo Horizonte para cursar Direito – como principal introdutor do futebol na cidade, prática que proporcionou um misto de espanto, admiração e repugnância na nova capital.

De fato, em 1904, o jornal *A Epoque* (1904, p. 2) já falava em uma “mania do *foot-ball*”, tamanho o crescimento de sua prática na percepção dos que escreviam naquele periódico. Em outra edição do mesmo impresso, a associação de Victor Serpa com o jogo inglês mostrava-se clara na irônica nota “Cousas que implicam”.

A cornêta do collegio Raposo.
O bigode rapado do dr. Nelson.
Os jornaesinhos sanguesugas.
A unha do sr. Julio Salles.
O fêto *nati morti* (?).
A batuta branca do Nicodemos.
O *foot-ball* do Victor Serpa.
Os bigodes do sr. Zé Alves.
O binoculo do camarote da Epoque.
Os vales da prefeitura.
O proteccionismo do dr. Salles.
E... O cupim da Praça da Liberdade. (A EPOCHA, 1904, p. 2)

Na leitura desse jornal, também subentendia-se que Serpa representava o ideário esportivo (posto no incentivo da prática do futebol) harmonizado com a ambiência da ideia de novidade, suficientemente necessária à superação do atraso e do provincianismo do povo mineiro e horizontino (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2014). Em outra nota, um cronista que escrevia no mesmo jornal publicou em versos jocosos o seguinte texto:

Vive a ensinar o jogo estúpido das bolas,
Nas praças, nos cafês, nas ruas, nas escolas;
E quando alguém se espanta ao ver os seus calções
Exquisitos demais, sem ligas, sem botões,
Elle fica sem graça e diz muito apressado
“É preciso educar o povo atrazado!”
“Na Europa – norte a sul – não se encontra um logar
Onde o povo não saiba as bolas atirar;”
‘E eu vou contar um caso esplendido a respeito...’
E logo vem um caso intermino e sem geito!
Já jogou com Loubet as bolas de manhan,
E de tarde fez verso ao lado de Rostand
Affirmam que elle é todo um monte de borracha,
Pois sempre cae no chão e nunca se esborracha!
Quando joga no Parque a pela, exposto ao Sol,
Parece resumir o medonho *foot-ball*! (FAGULHAS, 1904, p. 2)

As críticas proferidas nos versos sinalizam algumas importantes questões. A primeira delas se refere ao incômodo causado pela excessiva prática do futebol, representada no texto pelas praças, cafês, ruas e escolas. Pode-se inferir daí a amplitude de espaços em que o futebol circulava. A segunda questão é a associação do jogo com a educação de uma nova sensibilidade

e com a formação física e moral de uma sociedade mais afeita aos princípios do século XX, em uma cidade planejada para esse contexto. A frase “é preciso educar o povo atrasado” (mesmo com as ironias implícitas), sintetiza a função social atribuída ao esporte e ao futebol, sobretudo ao citar logo em seguida a Europa como referência. Por fim, o “medonho foot-ball” representa as ambiguidades de um esporte que, rapidamente, virou mania e paixão, mas não sem resistências e estranhamentos.

Assim, encontram-se na bibliografia sobre a história do futebol belo-horizontino problematizações acerca da prática desse esporte inserida em um rol de novos hábitos de vida, em conjunto com outras modalidades esportivas, mantendo-se relações com uma ideia de modernidade que se almejava para a cidade de Belo Horizonte, planejada sob novos preceitos urbanos e arquitetônicos que preconizavam um distanciamento da “antiquada” Ouro Preto. Alguns trabalhos, como o de Rodrigues (2006) e o de Ribeiro (2007), atentam-se à necessidade de relativizar o que se manifestava como “moderno” na capital mineira naquele começo do século XX, problematizando as distâncias entre os discursos de estadistas e jornalistas e a realidade de uma cidade ainda recém-construída, repleta de problemas estruturais e marcada pelos velhos costumes de grande parte de seus habitantes, muitos deles oriundos da antiga capital imperial.

No entanto, as contradições presentes na cidade planejada e suas relações com o futebol como um dos elementos de uma modernidade relativa ainda constituem problemáticas pouco questionadas em Belo Horizonte. Ao mesmo tempo em que há o reconhecimento desse esporte como marca inegável de um preceito moderno, pouco se problematiza sobre o que poderia significar tal signo distintivo na capital mineira no começo do século XX, momento que coincide com a própria formação da cidade. Em meio aos trabalhos pesquisados, há aproximações entre a chegada do futebol em Belo Horizonte e em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, com menções aos possíveis introdutores ou incentivadores da prática em cada caso (COUTO, 2003; RODRIGUES, 2006; RIBEIRO, 2007; ALVES, 2013). De fato, a origem via jovens de classe privilegiada (Charles Miller, em São Paulo; Oscar Cox, no Rio de Janeiro; e Victor Serpa, em Belo Horizonte), pode ser um ponto de congruência, mas é preciso cautela para que outros parâmetros de comparação não se estabeleçam naturalmente, pois no momento em que Belo Horizonte era fundada as outras capitais já eram centros urbanos e comerciais importantes e amplamente popularizados.

Nesse caso, se comparada a essas outras capitais, Belo Horizonte comporta uma particularidade: o futebol surge em um período em que tudo estava por se construir na cidade, ou melhor, a própria cidade estava por se fazer. Pode-se inferir que a chegada do futebol a Belo Horizonte caminhou junto com a própria utopia da modernização, fez parte dela e alimentou a esperança da construção de uma nova sociedade.

Outro ponto de encontro em todos os trabalhos pesquisados é a constatação de que as primeiras iniciativas do futebol em Belo Horizonte foram fortemente relacionadas a uma juventude cidadina local, suficientemente detentora dos meios econômicos necessários à prática de tal novidade (COUTO, 2003; RODRIGUES, 2006; RIBEIRO, 2007; MOURA, 2010; SOUZA NETO, 2010; LAGE, 2013; ALVES, 2013).

Para além dessas inquietações comuns, as referidas pesquisas desdobram-se ainda em particularidades que ajudam a contextualizar outros importantes fatores relacionados à existência do futebol na capital mineira. Dentre elas, têm-se o estudo do futebol como importante elemento de construção de identidades coletivas e de integração social na cidade, entre os anos de 1894 e 1927 (COUTO, 2003); a análise da constituição e enraizamento de um campo esportivo em Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX, em que o futebol aparece como uma das práticas que mais facilmente se consolidou (RODRIGUES, 2006; RIBEIRO, 2007); a compreensão do movimento de afirmação do profissionalismo no futebol belo-horizontino e de seus impactos nas experiências dos sujeitos envolvidos com o jogo nas décadas de 1920 e 1930 (MOURA, 2010), bem como, o significado do processo de profissionalização do futebol no contexto pré-Estado novista, tomando como referência central as reações de um clube da cidade, o América Futebol Clube (LAGE, 2013); o estudo da invenção da prática do torcer, perpassando desde a assistência desprovida de predileção ao surgimento de uma feição clubística, entre os anos de 1904 e 1930 (SOUZA NETO, 2010); e da rivalidade entre clubes, a exemplo da história das equipes mineiras “Atlético” e “Palestra Itália”, narrada por Alves (2013), no período de 1921 a 1942, e por Silva (2012), que procurou descrever um longo percurso simbólico da rivalidade entre as mesmas equipes.

Um clube que não pertence à capital mas que se situa bem próximo a ela e que também merece destaque é o Villa Nova Atlético Clube. Fundado por ingleses e operários de uma empresa de mineração existente na cidade de Nova Lima, sua história foi narrada por Silva (2007), que procurou identificar, dentre outros objetivos, as formas de sociabilidade gestadas entre os jogadores, trabalhadores da Mina de Morro Velho. O Villa Nova manteve estreitas relações com os times da capital, participando dos principais torneios e das disputas que se gestaram em torno da transição entre amadorismo e profissionalismo, como destacaram os trabalhos de Moura (2010) e de Lage (2013).

4. Considerações finais

Em Minas Gerais, desde o fim do século XIX tem-se notícias das primeiras iniciativas de organização de práticas esportivas. Em algumas cidades da Zona da Mata Mineira, como Juiz de Fora, sob influxos de intensas transformações econômicas, sociais e culturais, sabe-se da ocorrência de lutas, ciclismo, tênis, futebol e corridas a pé desde a década de 1880 (CUNHA JUNIOR, 2011a; CUNHA JUNIOR, 2011b). Em cidades do Triângulo Mineiro, do mesmo modo, atendidas por linhas da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro desde 1889, também se testemunhava práticas esportivas desde os fins do século XIX. Por volta de 1863, têm-se já registros da realização regular de corridas de cavalo, seguidas pouco depois pela bocha, bilhar, ciclismo, patinação, ginástica e rodas de peteca (PONTES, 1972).

No Norte do Estado, na cidade de Montes Claros, mais especificamente nos princípios do século XX, antes de quaisquer indícios de um processo de industrialização econômica na região, já se sabe das primeiras iniciativas de organização de práticas esportivas. Por volta de

1905, religiosos da Ordem dos Premonstratenses já incentivavam partidas de futebol (SILVA, 2013). Ao longo das décadas de 1920 e 1930, o envolvimento com essas práticas cresceria em intensidade e abrangência em vários pontos de Minas Gerais. Um número cada vez maior de localidades passaria a testemunhar o desenvolvimento de práticas esportivas, quando o número de iniciativas institucionais, como ligas e associações, é exemplo nesse sentido (cf. LIMA, *et al.*, 2009).

O desenvolvimento histórico dos esportes em Minas Gerais, em conformidade a apontamentos e conclusões já apresentadas para outras regiões, parece ter se desenrolado de forma articulada com a própria utopia de modernização. Ideais e discursos sobre progresso e modernidade, que presidiram, em larga medida, iniciativas no âmbito dos esportes. Esse corolário de ideais encontrou entre alguns determinados grupos das elites locais condições de possibilidade favoráveis ao seu florescimento. Essas elites, detentoras de meios econômicos e também simbólicos para a tentativa de realização prática de tais novidades, muitas vezes envolveram-se e empenharam-se na disseminação de esportes e toda a escala de valores que lhes eram peculiares. Ao colocá-los em circulação, todavia, os sentidos implícitos às práticas esportivas tendiam a se transformar, por vezes, afastando-se da cadeia semântica originalmente pretendida. Aliás, no próprio processo de assimilação dessas práticas e discursos em diferentes regiões do País, como foi o caso de Minas Gerais, os significados sociais dos esportes podiam já se transformar ao sabor das peculiares circunstâncias históricas locais.

É possível perceber que pesquisas históricas sobre o futebol em diferentes cidades mineiras têm crescido nos últimos anos e se constituído em temáticas de estudo bastante diversas. Entretanto, como observou Silva (2012), referindo-se, especificamente, ao caso de Belo Horizonte, mas em posição que poderia estender-se a outras regiões, elas ainda são poucas, além de estarem quase sempre concentradas nas primeiras décadas do século XX, “permanecendo na sombra todo o desenvolvimento posterior da história social e cultural desse esporte [...]” (p. 71). Se considerarmos que os esportes são práticas que estão presentes há mais de cem anos na vida da população de Minas Gerais, estudos sobre sua memória são investidas importantes, até mesmo para se compreender muitas das questões da atualidade. A importância que o jogo inglês adquiriu na vida social de Minas Gerais e a permanência regular de tal manifestação no cotidiano das cidades é apenas um dos indícios de sua consolidação, que pode ser pensada também e, mais evidentemente, por meio de fatores mais pontuais, tais como a criação de clubes e o recrudescimento de rivalidades; a construção de campos e estádios e, sobretudo, a forte presença do futebol na imprensa, situação que se inicia no próprio momento em que os primeiros contatos com o jogo são anunciados.

Referências

A EPOCHA. Belo Horizonte. 30 out. 1904, p. 2.

ALVES, Rogério Othon Teixeira. *A lucta dos titans: a invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Italia: 1921-1942*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, UFMG, 2013.

AMERICA Foot-Ball Club. *Jornal Montes Claros*. Montes Claros, 15 de Fevereiro de 1917. Anno I, n. 40, p. 2.

ARGUS. Notas sportivas. *O Gaiato*, Uberaba. 25 jul, 1920, n. 3, p.3-4.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre / São Paulo: Zouk / EDUSP, 2007.

CASA SPORT. *Iris*, Uberaba, 29 abr. 1920, n. 89, p. 4.

COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 117-133, fev. 2006.

COUSAS que implicam. *A Epocha*. Belo Horizonte. 4 set. 1904, p. 2.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CUNHA JUNIOR, C. F. F. da (Org.). *Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2011a.

CUNHA JUNIOR, C. F. F. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 61-65, set./dez. 2011b.

DIAS, Cleber; MELO, Victor Andrade de. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 249-271, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/4557>>. Acesso em: 3 jan. 2014.

DRUMOND, M. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FAGULHAS. *A Epocha*. Belo Horizonte. 16 out. 1904, p. 2.

FERNÁNDEZ, F. Los cuerpos y sus marcas socio-étnicas: futbol, identidades e historia en los valles orientales de Jujuy (Argentina). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 35, n. 1, p. 211-225, jan./mar. 2013.

FERREIRA, Haydée Jayme. *Anápolis: sua vida, seu povo*. Brasília, 1981.

FERREIRO, J. P., BRAYLOVSKY, S.; BLANCO, E. Identidad y poder en el fútbol: algunas reflexiones a partir de la experiencia jujeña. In: ALABARCES, P. *Peligro de gol: estudio sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: Editorial CLACSO, 2000.

FOOT-BAALL [sic]. *Jornal do Triangulo*, Uberaba, 29 set. 1918, n. 89, p. 2.

FRANZINI, F. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRYDENBERG, J. D. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

GASTALDO, E. L.; GUEDES, S. L. (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

GOKSOYR, M. Nationalism. In: POPE, S. W; NAURIGHT, J. (Ed.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009.

GOMES DA SILVA Football Club. *Cidade do Fructal*, Fructal, 6 ago., 1916, p. 2.

GUARINELO, N. L. Balanço geral. In: JANCSÓ, I. (Org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec / Unijuí / Fapesp, 2003.

GUERREIRO JIMENEZ, B. Fútbol en el Norte Grande de Chile: identidade nacional e identidade regional. *Revista de Ciencias Sociales*, n. 16, p. 4-15, 2006.

GYMNASIO DIOCESANO de Uberaba. *O Jatahy*, Jatahy, 15 mar. 1910, n. 10, p. 2.

HOLT, R. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Claredon, 1992.

HOWELL, C.; LEEWORTHY, D. Borderlands. In POPE, S. W; NAURIGHT, J. (Ed.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009.

IANNI, O. *A idéia de Brasil moderno*. 3. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1992.

KILPP, Cecília Elisa; ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. O abasileiramento das associações esportivas de Teutônia/Estrela no Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 77-85, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092012000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 3 jan. 2014.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. *Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de pós-graduação em Ciências Sociais,

PUC, Belo Horizonte, 2013.

LIMA, A. W. *et al.* As ligas esportivas de São João del-Rei (1930-1955): a busca pela afirmação do futebol local. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-10, dez. 2009. Disponível em: <http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV2N2_2009_13.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2014.

LOWENTHAL, D. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LUCENA, Ricardo. *Esporte e cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MCLENNAN, G. Sociology, eurocentrism, and postcolonial theory. *European Journal for Social Theory*, v. 6, n. 1, p. 69-86, 2003.

MELO, Victor. *Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará / Faperj, 2001.

MINAS CONTRA SÃO PAULO. *A Separação*, Uberaba 21 maio 1922, n. 109, p. 2.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

MUNSLOW, A. *Desconstruindo a história*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

O RESSURGIMENTO DO PRADO S. Benedicto. *O Garoto*, Uberaba. 22 abr. 1917, n. 81, p. 1.

PONTES, Hildebrando. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras de Uberaba, 1972

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Marilita. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade – Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894- 1920)*. (Tese Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SAID, E. W. *Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHARPE, H. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 39-62.

SILVA, Daniela Alves da. *Cultura Operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*. Dissertação (Mestrado em História) –Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Luciano Pereira da. O futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros – MG. *Licere*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 1-30, mar. 2013. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV16N01_a4.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2014.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Picadinho de Raposa com sopa de Galo. In: SILVA, Sílvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O; SILVA, Tiago Felipe da. (Org.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte, UFMG: 2012.

SOARES, P. G. História, educação, lazer e práticas corporais em Juiz de Fora: o olhar do jornal O Pharol (1880 1915). *Temporalidades*, v. 3, p. 373-387, 2011.

SOARES, P. G.; MORORO, A. C. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/ MG. Recorde: *Revista de História do Esporte*, v. 4, p. 1-17, 2011. Disponível em: <http://www.sport.ifcs.ufjf.br/recorde/pdf/recordeV4N2_2011_17.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2014.

SOREZ, J. A History of Football in Paris: Challenges Faced by Sport Practiced within a Capital City (1890-1940). *The International Journal of the History of Sport*, v. 29, issue 8, p. 1125-1140, May 2012.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Victor Serpa e a mania do *foot-ball*: o mito fundador do esporte bretão na cidade de Belo Horizonte (1904-1905). *Podium. Sport, Leisure and tourism review*. Rio de Janeiro. v. 3, n. 1, 2014.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Bello Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SPORTS. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, 14 maio 1912, n. 445, p. 2.

TATU, Jeca. Da minha tapéra. *O Araguary*, Araguary, 12 nov. 1921, p. 4.

TERRET, T. Is There a French Sport History? Reflections on French Sport Historiography. *The International Journal of the History of Sport*, v. 28, issue 14, p. 2061-2084, Sep. 2011.

TORRES, C. R. South America. In: POPE, S. W; NAURIGHT, J. (Ed.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009, p. 553-569.

VAMPLEW, Wray. Sport and Industrialization: An Economic Interpretation of the Changes in Popular Sports in Nineteenth-Century England In: MANGAN, J. A. (Ed.). *Pleasure, profit, proselytism: British culture and sport at home and abroad, 1700-1914*. London: Frank Cass, 1988. p. 7-20.



VIDA SOCIAL. *Jornal Montes Claros*. Montes Claros, 2 nov. 1916, Anno I, n. 26, p. 3.

WILLIAMS, R. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.